



L.A.M.A.: Domesticidades Emaranhadas

L.A.M.A.: Domesticidades enredadas

Simpósio 04_01 – Rastros e traços: metodologias para estudar o urbano no Antropoceno

Frederico Canuto

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
fredcanuto@gmail.com

Resumo: Este artigo visa apresentar uma história retroativa do território de Minas Gerais, utilizando a terra em estado tóxico como componente material para uma abordagem multiespécie da urbanidade e arquitetura do território. Discutiremos sua manifestação na atualidade, apresentando-a como L.A.M.A., produto de uma relação que danificou o território existente por meio do rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração em Bento Rodrigues, Brasil, mas também produto de uma história baseada na indústria do minério de ferro nos últimos 70-80 anos e de uma abordagem arqueológica que remonta a antes da invasão europeia da América em 1492, relacionada a práticas indígenas de manejo florestal. Utilizando criticamente os escritos críticos e abordagens da antropóloga Anna Tsing, como o Atlas Feral, sobre o resultado do entrelaçamento entre múltiplas espécies que habitam o mundo e a infraestrutura da modernidade, que data de 1492, o ano do início da colonização, expandiremos essa linha do tempo para antes de 1492, como um giro epistemológico. Analisaremos essa paisagem de L.A.M.A. na presença atual de povos indígenas, assentamentos quilombolas, minério de ferro, resíduos tóxicos, ambientes domésticos e florestas industriais. Por meio de imagens e narrativas baseadas em visitas ao território do Rio Gualaxo do Norte em 2024 e interações com moradores locais, pretendemos apresentar esses entrelaçamentos selvagens, um conceito introduzido pela bióloga Donna Haraway em seu provocativo texto de 2015 sobre o Capitaloceno, que acreditamos ser uma estrutura adequada para entender como vivemos nesta nova era geológica. Nosso objetivo é defender uma história material da arquitetura baseada na maneira como as pessoas habitam as condições de vida extremas do Antropoceno.

Palavras-chave: Antropoceno; crime ambiental; cosmopolítica; estudos multiespécies.

Resumen: Este artículo pretende presentar una historia retrospectiva del territorio de Minas Gerais, utilizando el suelo tóxico como componente material para un enfoque multiespecie de la urbanidad y la arquitectura del territorio. Analizaremos su manifestación actual, presentándola como L.A.M.A., producto de una relación que dañó el territorio existente mediante la ruptura de una presa de relaves mineros en Bento Rodrigues, Brasil, pero también producto de una historia basada en la industria del hierro de los últimos 70-80 años y un enfoque arqueológico que se remonta a antes de la

invasión europea de América en 1492, relacionado con las prácticas indígenas de gestión forestal. Utilizando críticamente los escritos y enfoques de la antropóloga Anna Tsing, como el Atlas Feral, sobre el resultado de la interrelación entre las múltiples especies que habitan el mundo y la infraestructura de la modernidad, que data de 1492, año del inicio de la colonización, ampliaremos esta cronología hasta antes de 1492, como un cambio epistemológico. Analizaremos este paisaje de L.A.M.A. en la presencia actual de pueblos indígenas, asentamientos quilombolas, mineral de hierro, residuos tóxicos, entornos domésticos y bosques industriales. A través de imágenes y narrativas basadas en visitas al territorio de Río Gualaxo do Norte en 2024 e interacciones con residentes locales, pretendemos presentar estas interconexiones naturales, un concepto introducido por la bióloga Donna Haraway en su provocador texto de 2015 sobre el Capitaloceno, que consideramos un marco adecuado para comprender cómo vivimos en esta nueva era geológica. Nuestro objetivo es defender una historia material de la arquitectura basada en cómo las personas habitan las condiciones de vida extremas del Antropoceno.

Palabras-clave: Antropoceno; Crimes Ambientales; Cosmopolítica.

Introdução

2024-2015

Em 2015, o rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração no distrito de Bento Rodrigues devastou diversas cidades ao longo do Rio Doce, começando no interior de Minas Gerais, atravessando o Espírito Santo antes de chegar ao Oceano Atlântico — onde o Brasil encontra o mundo (Figura 01). A lama tóxica, uma mistura de rejeitos de minério de ferro e substâncias tóxicas outras, forçou moradores a deixarem suas casas, envenenou o rio, matando grande parte de sua vida aquática, e contaminou o solo — danos que devem durar pelo menos um século. Horas e dias depois, essa mistura tóxica de rejeitos, antes uma massa fluida, se acomodou: em algumas áreas, permanece como uma lama viscosa, enquanto em outras, endureceu e se transformou em sedimento compacto, semelhante a blocos de terra.

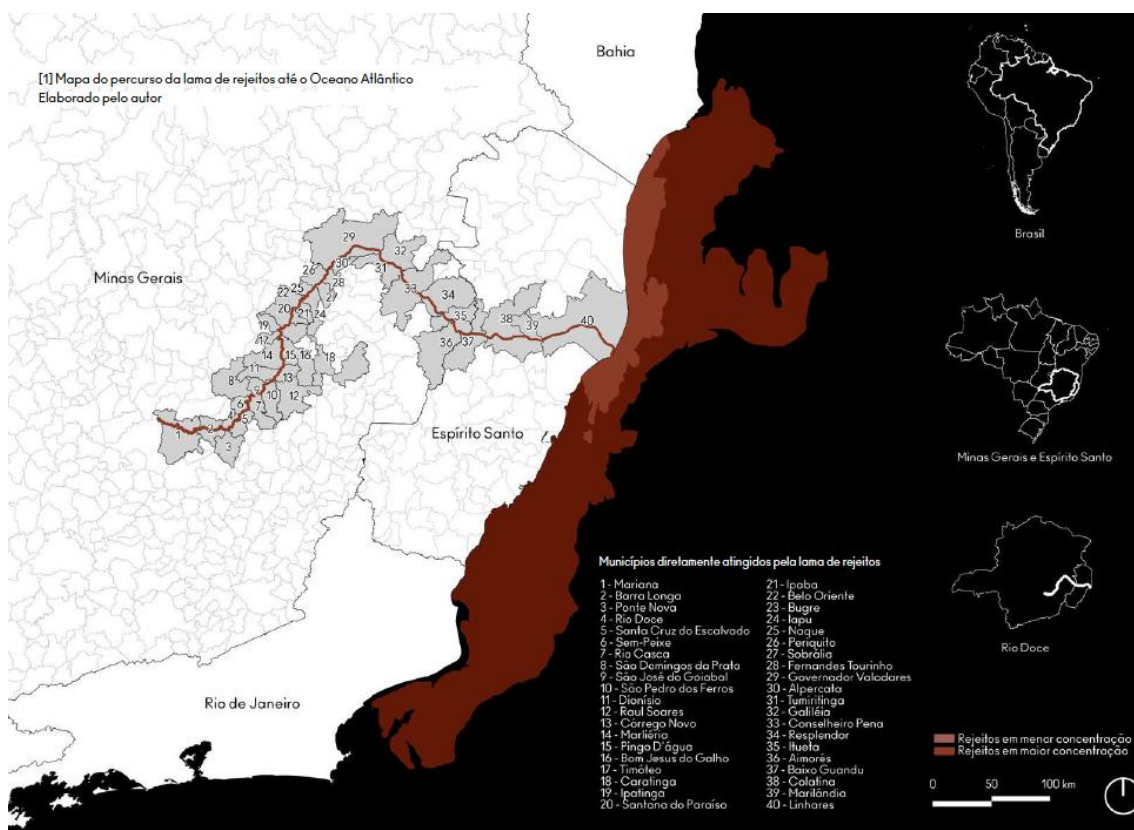
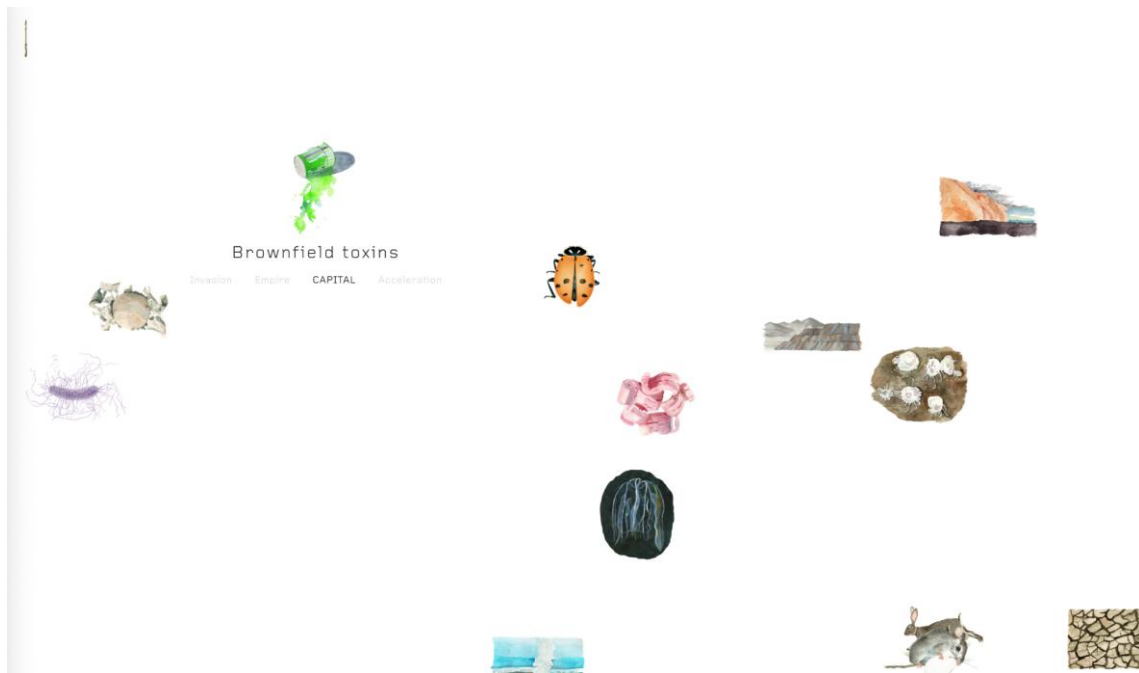


Figura 01: Mapa dos rejeitos até o oceano Atlântico. 2024. Fonte: MERICIA, 2024.



Em 2024, fui ao Gualaxo do Norte, marco zero do rompimento da barragem de rejeitos de mineração em Bento Rodrigues, em 2015 (Figura 02), para entender o que significa viver ali nove anos após o desastre. Fui acompanhado por Everton Jurbini, que, no início de 2015-2016, trabalhou como Cartógrafo Social das famílias para o Instituto Caritas¹. Naquela época, ele colaborou com a população afetada com o intuito de coletar depoimentos, produzir mapas e se envolver em discussões sobre indenizações e reparações. Guiado por ele como uma bússola pela

¹ A Cáritas Brasil, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Caritas Internationalis. Suas origens remontam ao trabalho mobilizador de Dom Helder Câmara, então Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). As diretrizes do Concílio Vaticano II moldaram a atuação da Cáritas, que desde então se pauta pelos valores da pastoral transformadora. A Cáritas é um órgão da CNBB e conta com uma rede de 198 organizações-membro, 13 regionais e quatro parceiras.

O Instituto Cáritas, por meio da Cáritas Regional Minas Gerais, atua em Mariana desde o rompimento da Barragem de Fundão, em 2015, um crime socioambiental cometido pela Samarco e suas acionistas Vale e BHP, que causou mortes e destruição. A instituição oferece assistência técnica e participação comunitária no processo de reparação, lutando por justiça e pelos direitos dos atingidos, apesar das dificuldades e da lentidão do processo.

comunidade, meu objetivo era conversar com aqueles que escolheram permanecer na área após a catástrofe — para entender como é viver no que muitos descrevem como "o fim do mundo".

Seja em 2015 ou em 2024, visitar o local nos faz perceber o que se tornou a mistura de rejeitos de minério de ferro e substâncias perigosas vivida cotidianamente pela população que ali permaneceu: L.A.M.A. Essa lama tóxica é mais do que uma metáfora, indo além de seu uso simbólico como substituta do crime ou como emblema do Antropoceno. Essa L.A.M.A. produzida pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineração de Bento Rodrigues não contaminou apenas rios, contaminou solos, soterrou casas ou destruiu famílias. É uma manifestação material que reconfigurou a paisagem — conectando monoculturas de eucalipto, rios, projetos habitacionais, reivindicações de terras indígenas, territórios quilombolas, resíduos tóxicos e investimentos públicos e privados.

Nesse novo contexto, ao mesmo tempo em que o rompimento da barragem se torna um pretexto — por meio do que Naomi Klein chamou de "doutrina do choque" (KLEIN, 2008) — para possibilitar novos ciclos de acumulação capitalista, paradoxalmente, também abre portas para mundos além do capital. A criação da Fundação Renova e a disponibilidade para comprar as terras agora tóxicas devido às restrições ambientais permitem a divulgação das mineradoras como empresas boas e responsáveis. E também, com a lama tóxica, os movimentos indígenas recuperam as terras em processos de retomada, como veremos.

Em uma abordagem mais histórica e decolonial, com pensadores pós-coloniais como Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein, é essencial entender esse crime não como um evento isolado, mas como parte de uma continuidade secular, desde a emergência de um sistema em vigor desde a invasão europeia das Américas em 1492. Isso não é apenas história, mas um sistema material vivo que sustenta a economia brasileira há mais de quinhentos anos, facilitando a extração e a exportação de recursos naturais entre continentes. Um sistema que sustenta um *status quo*. Como aponta Quijano (2005), é um colonialismo que se transforma em colonialidade de poder, dominando o território; como afirma categoricamente Wallerstein (2004), é a invasão em 1492 que produz uma base material de humanos e recursos para o surgimento do modo de produção capitalista por meio da organização de um sistema-mundo baseado na exploração colonial, dado pela violência e produção de mais-valia, lucro.

Embora este não seja um estudo histórico em si, compreender esse contexto mais amplo é essencial para apreender as formas de domesticidade incrustadas em Bento Rodrigues — domesticidades moldadas ao longo de séculos e ecoadas nas memórias corporais e psicológicas de pessoas cujas vidas estão entrelaçadas com a indústria do minério de ferro.

Para tanto, com o intuito de discutir um período histórico tão amplo, de mais de 500 anos, este artigo se inspira na abordagem material e multiespécie de Anna Tsing às perturbações induzidas pelo capitalismo e em seu conceito de feral.

O feral é definido pela antropóloga sino-americana como reações não planejadas às infraestruturas humanas, decorrentes de encontros e entrelaçamentos com os habitantes multiespécies do planeta, resultando em uma montagem, uma simbiose em meio às ruínas de uma paisagem (TSING, 2024). Assim, no site do projeto Atlas Feral (Figura 03), Anna Tsing, em conjunto com pesquisadores de diversas áreas e geografias, constrói um banco de dados e um repositório de informações que reúne anos de pesquisa para pensar, em escala planetária, a produção dessas montagens. Neste website, ela propõe pensar tais entrelaçamentos a partir da Modernidade, que ela define como tendo início com as invasões europeias da América em 1492. Assim, Colonização e Modernidade coincidem como eventos formativos do “ano zero” da proliferação de emaranhamentos selvagens, uma vez que territórios separados se unem em ritmo frenético, apoiados por modos de produção globalizantes (QUIJANO, 1992). Por meio de sua proposta de dividir esses 500 anos em quatro regimes temporais — Invasão, Império, Capital, Aceleração — (TSING, 2024), fica claro como o movimento de animais, bactérias, plantas e micróbios entre leste e oeste, norte e sul, somado à movimentação de terras, à poluição do ar e à industrialização das relações com o planeta, produziu formações multiespécies que se desdobram hoje como doenças, novas formas de habitar e sentir o território, novos motivos para o design, entre outros.

Ao mesmo tempo, embora este Atlas — resultante de uma extensa rede de pesquisa que reúne pesquisadores de diversas partes do mundo — expanda a percepção do mundo humano em direção a um mundo mais denso e diverso, essa percepção ainda é estruturada a partir do Norte Global, o lugar hegemônico geopolítico e epistemológico de um tipo particular de conhecimento científico. Nesta plataforma de pesquisa, sediada na Universidade de Stanford, ao se destacarem os autores, percebe-se que a maioria são pesquisadores e professores universitários, pensadores, poetas e artistas, o que evidencia a carência de outras disciplinas e outras formas de conhecimento de fora da academia, periféricos ao Norte.

Embora as geografias, os seres e as realidades mapeados sejam tão diversos quanto possível em múltiplas formas narrativas — poemas, filmes, fotografias, textos, gráficos, diagramas, entre outros — a dimensão espacial dos processos de formação dos Ferais nunca é perdida de vista no atlas. Notavelmente, o designer e arquiteto Feifei Zhou é responsável pela criação dos desenhos-base dos quatro regimes temporais da pesquisa, ou “detonadores da paisagem”, de acordo com a taxonomia do próprio sítio. No entanto, as arquiteturas e os urbanismos produzidos dentro dessas feralidades são desenhados e discutidos a partir de uma perspectiva que permanece fechada às narrativas de coletivos e/ou sujeitos que fazem parte de movimentos sociais, povos indígenas,

coletivos negros, comunidades das águas, sertanejos e outros povos não hegemônicos. Assim, buscamos uma guinada epistêmica, trazendo outras vozes, olhares e esforços diplomáticos entre mundos, com base na ideia de L.A.M.A.

O objetivo é explorar essas dinâmicas através das lentes da L.A.M.A. na esfera doméstica — não apenas em sua relação com o lar, mas também com a terra, o ar e a floresta. Essa vida doméstica, danificada ou transformada por esses crimes, não se limita ao que ocorre dentro das casas; ela se estende da terra para o lar, construída por meio de presenças que vão além do humano.

Por meio de narrativas coletadas, que tanto especulam sobre formações históricas quanto desdobramentos futuros, apresentarei as relações íntimas que os humanos constroem com entidades não humanas — incluindo plantas, animais e os espíritos da terra —, articulando-as com estudos multiespécies.

2022 – 2015



Figura 04: Baratas na Terra. Fonte: Lavra (2021)



Figura 05: Nova Paracatu. 2022. Fonte: Grupo de pesquisa CONTERRA/UFOP.



Figura 06: Nova Bento Rodrigues. 2022. Fonte: Grupo de pesquisa CONTERRA/UFOP.

A primeira imagem (04) é um quadro do filme *Lavra*. O título, *Lavra*, é uma palavra portuguesa que se refere a um método tradicional de cultivo da terra – preparar o solo para plantar sementes e cultivar alimentos. No contexto do filme, *Lavra* (2021) diz da preparação da terra para a mineração, refletindo a história do Brasil como um país colonizado desde o século XVI. Naquela época, o ouro era extraído para enriquecer a metrópole colonizadora; hoje, o minério de ferro é exportado como uma commodity global para muitos países.

A pessoa que fala diretamente para a câmera – e para o diretor – é uma mulher negra que vive em um quilombo, assentamentos originalmente estabelecidos para fornecer refúgio e moradia a ex-escravizados, formados no Brasil durante o período colonial por africanos escravizados e/ou seus descendentes, sendo entendidos como espaços de resistência negra à época. Muitos desses quilombos foram apagados da história brasileira e outros, tornaram-se pontos originários de assentamentos e cidades, ainda que por vezes a historiografia urbana não lhes dê essa importância ou presença. Hoje, os quilombos são reconhecidos na cultura brasileira como comunidades tradicionais e históricas que fomentam novas formas de agricultura e solidariedade, passando por processos de reconhecimento e sendo alvo de políticas públicas específicas de reparação, aquém do necessário, mas ainda sim, existentes.

No filme, a moradora do quilombo próximo ao rio Doce mostra para a câmera baratas reveladas ao levantar blocos de terra solidificada, ou L.A.M.A. como propomos, ao longo das margens do rio, uma consequência direta do desastre ambiental em Bento Rodrigues (imagem 04). Ela diz que precisa mover o bloco de lama para que a terra respire e ao fazê-lo, baratas - animais normalmente urbanos - fogem.

Já as imagens 05 e 06 referem-se à construção dos assentamentos “Novo Bento Rodrigues” e “Novo Paracatu”. Estes são novos lares para os atingidos pelo desastre, uma vez que o distrito de Bento Rodrigues não existe mais e o distrito de Paracatu, como comunidade, mal sobrevive, sendo que muitos preferiram mudar de distrito ou cidade. Essas novas comunidades estão localizadas longe desses distritos submersos. Uma característica notável é a grama sendo plantada em camadas sobre o terreno rochoso. De acordo com pesquisas de grupos que apoiam os moradores atingidos, esses novos locais são excessivamente rochosos devido aos rejeitos tóxicos, mas não somente isso. Mesmo antes do crime já estavam mortos, pois eram cobertos por monoculturas de eucalipto. Os eucaliptos não deixam vestígios — apenas solo morto, uma paisagem invisível à justiça. Portanto, é grama sobre terra morta, um novo tipo de L.A.M.A.

Os futuros moradores desses novos assentamentos terão uma vista privilegiada de suas casas — algo que lhes faltava em Bento Rodrigues, que era topograficamente plano. Aqui, as casas são construídas em terrenos inclinados. No entanto, a própria terra permanece oculta e obscurecida.

À medida que a primeira geração de moradores atingidos morre — rapidamente devido a problemas de saúde física e mental relacionados ao crime —, há um risco real de que o conhecimento de como conviver com a terra se perca para sempre. Esse gramado, L.A.M.A., é um lugar onde seus moradores ou têm amnésia ou simplesmente não tocam a terra, mas sim uma película plástica.

2015-1960



Figura 07: Dispositivo de controle da poluição atmosférica, Paracatu de Baixo. Fonte: Grupo de pesquisa Narrativas Topológicas. 2023.



Figura 08: Fumaça saindo da chaminé da USIMINAS, Ipatinga. 2020. Fonte: Jornal Classivale.



Figura 09: Pó na cozinha de uma casa, Ipatinga. 2023. Fonte: Jornal Folha de São Paulo.

A Figura 07 mostra um aparelho instalado em uma casa em Paracatu, uma das cidades afetadas pelo crime, localizada bem próxima a Bento Rodrigues. Segundo o morador com quem conversei, sua função é medir os níveis de poeira no ar causada pelos caminhões que, apesar do crime, ainda transportam minério de ferro e rejeitos pelo território até ou para fora da área de mineração. Paracatu fica em uma região mais baixa e foi impactada pelo rompimento, embora nem todo o distrito tenha sido afetado. Pessoas que moravam nas partes mais altas da cidade permaneceram, apesar de enfrentarem desafios como a impossibilidade de cultivar devido a contaminação do solo, ou mesmo sair de casa para chegar a cidades próximas ou supermercados, pois as vias sempre estão com tráfego intenso, seja de muitos caminhões ou muito pó.

Já a Figura 08 captura a fumaça liberada por uma siderúrgica em Ipatinga, cidade da região metropolitana conhecida como Vale do Aço, a 185 km do distrito de Bento Rodrigues. Essa planta

industrial foi construída na década de 1960, durante a ditadura militar, como parte de uma estratégia nacional para promover o desenvolvimento do interior do país. Em vez de expandir os grandes centros urbanos, o regime militar priorizou a ocupação do interior, alinhando desenvolvimento com controle territorial.

As Figuras 07 e 08 não expõem apenas o resultado de eventos de dez anos atrás — como o desastre perto dos distritos de Paracatu e Bento Rodrigues — ou de 50 a 60 anos atrás - época da construção da usina de Ipatinga. Em vez disso, representam e dão continuidade às consequências contínuas de um processo de dominação e exploração da terra iniciado em 1492. Tais feralidades sugerem que, desde a colonização, a arquitetura deixou de ser um empreendimento puramente humano, apesar dos esforços persistentes para tratá-la como uma disciplina humanística, tornando-se um agente intensivo e afirmativo do progresso e da Modernidade, controlando a terra e os efeitos dessa abordagem positivista.

Após os processos de colonização iniciados pela Europa — como discutido por pensadores como Wallerstein e Quijano — a organização do mundo envolveu uma forma de design que se estende além dos materiais, incluindo inúmeras espécies. A fumaça emitida por caminhões e fábricas penetra nas casas, tornando-se parte dos móveis, dos pisos, das paredes — até mesmo das nossas vias nasais e pulmões, como mostrado na Figura 09, com poeira nas mãos. Os moradores desta região frequentemente precisam limpar suas duas ou três vezes ao dia! A fumaça é mais visível ao nascer do sol, apesar das tentativas, em grande parte ineficazes, de instalar filtros nas chaminés em Ipatinga. Tanto os aparelhos em Paracatu quanto os filtros em Ipatinga funcionam como máquinas de visibilidade, revelando os processos ocultos que moldam e infiltram a vida cotidiana, produzindo uma L.A.M.A. que cobre móveis e pulmões.

2023 - 2015 - pré-1492



Figura 10: Papaya plantation on top of Anthropic Dark Soil site, Laguinho site, Central Amazon, 2006. Fonte: Aã, 2023.



Figura 11: Filme Mata. 2021. Fonte: Filme Mata.



Figura 12: Nova Bento Rodrigues. 2023. Fonte: Jornal Voz Ativa.

O arqueólogo Eduardo Góes Neves estuda os sítios de terra preta na Floresta Amazônica, particularmente na região do Alto Rio Negro. Esses sítios arqueológicos contêm vestígios orgânicos da presença humana – vestígios de preparo de alimentos e artefatos de cerâmica. Sua pesquisa está remodelando nossa compreensão da Amazônia, desafiando a crença de longa data de que a floresta permaneceu intocada pelo homem até as invasões coloniais iniciadas em 1492 (NEVES, 2022).

Por meio de investigações que envolvem a tecnologia LIDAR e estreita colaboração com povos indígenas – incluindo antropólogos, xamãs e anciãos – Neves e sua equipe estão revelando uma paisagem milenar, gerida pelo homem. Essas comunidades não apenas coexistiram com a floresta, mas também a moldaram: experimentaram e inventaram biotecnologicamente frutas como o cupuaçu no Alto Rio Negro e cultivaram mamão em locais como Laguinho (ver Figura 10) (NEVES apud AMOROSO, 2021). Eles construíram extensas redes de estradas e trilhas, conectando aldeias e formando o que poderiam ser consideradas regiões florestais metropolitanas (NEVES, CASTRIOTA, 2023). Espiritualmente, criaram um mundo cosmologicamente rico, cada vez mais reconhecido pela academia global e além.

Essa forma sofisticada de manejo ambiental que especulamos com os achados de Eduardo Neves contrasta fortemente com as práticas extrativistas que agora ameaçam a região, como as operações de mineração em Marabá, no Pará. As descobertas do arqueólogo sugerem que o que vemos nessas paisagens antigas não é a domesticação de plantas no sentido tradicional, mas sim uma

forma profundamente relacional de gestão da terra. Como explica em entrevistas, ele, juntamente com botânicos e antropólogos, entende que essas práticas indígenas nunca visaram controlar a natureza, mas sim interagir com ela – gerenciando o chamado "caos" da floresta para cultivar uma relação de familiaridade (NEVES apud AMOROSO, 2021).

Ao mesmo tempo, um tipo muito diferente de floresta surgiu no Brasil nos últimos 50-60 anos, alinhando a produção de minério de ferro com a necessidade de energia para essa indústria: vastas plantações de monocultura de eucalipto, especialmente no sudoeste e nordeste do país, cultivadas para abastecer a indústria siderúrgica. Uma floresta projetada, como visto na Figura 11, quadro do filme *Mata* (2021). Essa floresta artificial apaga a biodiversidade — animais fogem, plantas nativas morrem e as secas aumentam. O rompimento de barragens de rejeitos de mineração transformou terras agrícolas antes férteis em parte da paisagem industrial, como se tivessem sido planejadas desde o início. Comunidades inteiras foram deslocadas. Pessoas que perderam suas casas agora vivem em lugares como Mariana, aguardando a conclusão de novos empreendimentos habitacionais.

As novas casas construídas, como mostrado nas Figuras 04, 05 e 12, muitas vezes não têm jardins e os novos apartamentos construídos para acomodar tanto os moradores deslocados de Bento Rodrigues quanto os trabalhadores da mineração que chegam não têm cozinha. Cozinhar, ao que parece, não é mais necessário quando alimentos processados estão sempre disponíveis. Essas escolhas de design refletem uma mudança mais ampla: as pessoas são cada vez mais tratadas como extensões do lixo industrial — parte da L.A.M.A. Apartamentos sem cozinha são comercializados como um "novo estilo de vida", supostamente livre de apegos. Não se habita mais como cuidadores da terra, mas como consumidores passivos.

Neste novo tipo de floresta, os alimentos não crescem mais em quintais — são comprados em supermercados. Com a perda das hortas, perde-se o conhecimento agrícola, as tradições culinárias e a própria experiência do tempo, agora governada por celulares em vez dos ritmos de plantio e colheita. Se, antes de 1492, o alimento era criado com a floresta em uma relação familiar, hoje ele é processado em fábricas estéreis, com a floresta reduzida a um pano de fundo — instagramável, monocultural e árida (ver imagem 05). A modernidade e a L.A.M.A. não apenas destroem a terra — ela domestica nossas línguas, embota nosso paladar e rompe nossa relação com a comida.

2015-2012-....







Figuras 13 a 16: Frames do filme Xupapoyñãg. Fonte: Xupapoyñãg (2012).



Figura 17: Queijo na geladeira. 2023. Fonte: Grupo de pesquisa Narrativas Topológicas

Os Maxakali são um povo indígena que vive no norte de Minas Gerais desde sempre, no Brasil, distribuídos atualmente em cinco aldeias. As imagens acima são frames do filme *Xupapoyñãg*, filmado por Suely e Isael Maxakali, artistas indígenas contemporâneos, no início de sua ocupação em 2012 (QUEIROZ, 2008). Naquela época, eles viviam na Aldeia Verde, embora agora residam em uma aldeia diferente. O filme em si é um filme-ritual (BRASIL, 2016a, 2016b; QUEIROZ, 2018). Sua sinopse explica que a história é sobre lontras invadindo a aldeia para vingar a

exploração e a matança de seus parentes, que foram caçados e comidos por humanos. O filme se concentra em mulheres travando uma batalha para expulsar esses invasores.

A cena de abertura, as Figuras 13, 14, 15 e 16, retratam o ritual se desenrolando — lontras ligando para seus parentes usando um celular sob uma estrutura de telefone público. Este filme contemporâneo produz uma feralidade, uma imagem que mescla rituais indígenas tradicionais com tecnologias modernas, como celulares, criando uma justaposição emaranhada impressionante.

A terra onde viviam naquela época foi designada como seu território pelo governo federal após prolongadas lutas e negociações. Antes de sua chegada, a área era uma fazenda de gado e uma plantação de eucalipto, esta última cultivada para abastecer mineradoras. Esse uso industrial deixou a terra árida e inadequada para plantio ou cultivo na maioria dos lugares. O ritual filmado em Xupapoyñãg foi uma das várias práticas cosmopolíticas realizadas para curar a terra e permitir a sustentação da vida. Na época, eles mantinham uma horta e lutavam contra a escassez de água. Com a orientação espiritual de Yamiyxop, com quem se comunicavam, realizam rituais, produzem filmes e vivem intimamente ligados à terra.

Quando visitei Bento Rodrigues – o epicentro do desastre da mineração – vi muitas ruínas de casas, escolas e outros prédios. Mas um local nos intrigou: em meio à devastação, uma casa permaneceu com uma horta, galinhas e patos, enquanto cavalos vagavam livremente pela rua. É aqui que mora Mônica, uma das moradoras afetadas e coordenadora de uma organização que luta por seus direitos. As mineradoras pretendem remover tudo da área do desastre – animais e pessoas – para proteger a área, provavelmente para expandir a barragem. Enquanto as vacas foram realocadas para clínicas veterinárias, Mônica, seus patos e os cavalos permanecem, como fazem há 30 anos.

Perto do rio contaminado, alguns agricultores continuam plantando capim – alimento para as vacas – apesar dos avisos. As vacas são cuidadas, o leite é produzido e o queijo é feito (Figura 17). Essas relações ecológicas entre plantas, vacas e bactérias são antigas, enraizadas na ocupação mais antiga deste território. Como Everton observou, essa maneira de pensar sobre como humanos e não humanos coexistem e sobrevivem por meio da ajuda mútua, especialmente em condições de profunda perturbação, alinha-se a investigações como as que Despret (2021, p. 257) explora por meio da pergunta: “Os animais trabalham?”. No entanto, quando Yamiyxop atua como agente nessas relações, surgem novas possibilidades que transcendem os conceitos ocidentais de trabalho. Tsing (2015, p. 75) também afirma: “A sobrevivência sempre envolve alteridade; está necessariamente sujeita à indeterminação das transformações de si mesmo e dos outros”.

Curar a terra e viver ao lado de outros seres — humanos e não humanos — desafia nossa compreensão do que significa ser “outro”. Nesse contexto cosmopolítico e multiespecífico, apesar da perda e da destruição, povos indígenas e comunidades quilombolas continuam a reivindicar territórios, marcando o início de novas maneiras de se relacionar com a terra e construir lares. A L.A.M.A. é também assembléia de onde algo pode vir.

Referências

AMOROSO, Marta. et al. **Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

AZOULAY, Ariella Aisha **Potential History. Unlearning Imperialism**. New York: Verso, 2019.

BRASIL, André. Caçando Capivara: com o cinema morcego dos Tikmu'un. **Revista ECOPOS**. Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ. V. 19. N. 02. Rio de Janeiro, Brasil. 2016^a.

BRASIL, André. Ver por meio do Invisível. O cinema como Tradução Xamânica. **Revista Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo. V.35. N. 03. 2016b.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. Tipiti: **Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**: Vol. 2: Iss. 1, Article 1. 2004.

DESPRET, Vinciane. **Que diriam os animais?: Fábulas científicas**. São Paulo: Ubu editora, 2011.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue -- ciência, tecnologia e feminismo- socialista no final do século XX**. 1985. Belo Horizonte: Auntentica., 2014.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Duke University Press. 2016.

KLEIN, Naomi. **The Shock Doctrine. The rise of disaster capitalism**. Holt Paperbacks. 2008.

MERICIA, Everton **Diário de um cartógrafo do fim do mundo**. Tese de Doutorado. Escola de Arquitetura. Universidade Federal de Minas Gerais. 2023.

NEVES, Eduardo. **Sob os tempos do equinócio – Oito mil anos de história na Amazônia central**. São Paulo: Ubu editora, 2022.

NEVES, Eduardo Góes; CASTRIOTA, Rodrigo. Urbanismos Tropicais / Tropical Urbanisms. **Piseagrama**. Belo Horizonte, p. 64-73. 2023.



QUEIROZ, Ruben Caixeta de. Cineastas indígenas e pensamento selvagem. **Revista Devires – cinema e humanidades**. Belo Horizonte. V.5. N.2, p. 98-125. 2008.

QUEIROZ, Ruben Caixeta de, DINIZ, Renata Otto. Cosmocinepolítica tikm'n-Maxakali: Ensaio sobre a invenção de uma cultura e de um cinema indígena (Dossiê Olhares Cruzados). **GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia** 3 (1). São Paulo, Brasil. 2018.

QUIJANO, Aníbal.. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas. **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales latino-americanas. 2005.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Belo Horizonte / São Paulo: PISEAGRAMA / Ubu Editora, 2023.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464. 2018.

TSING, Anna. **The Mushroom at the End of the World**. Princeton University Press. 2015.

TSING, Anna, DEGER, Jennifer, SAXENA, Alder, ZHOU, Feifei.. **Field Guide to the Patchy Anthropocene. The New Nature**. Stanford University Press. 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **World-systems analysis: An introduction**. Duke University Press. 2004.

Films

Lavra, Direção: Lucas Bambozi. 2021. 95 min.

Mata. Direção e roteiro: Fábio Nascimento e Ingrid Fadnes. 2021. 88min.

Xupapoyñãg. Direção: Isael Maxakali. 2012. 15min.

